

Subjetividade do Corpo: a obra de Hermann Schmitz

Jens Soentgen

Angaben zur Veröffentlichung / Publication details:

Soentgen, Jens. 2000. "Subjetividade do Corpo: a obra de Hermann Schmitz."
Revista Universa (UCB) 8 (2): 369-80.

Nutzungsbedingungen / Terms of use:

licgercopyright

Dieses Dokument wird unter folgenden Bedingungen zur Verfügung gestellt: / This document is made available under the following conditions:

Deutsches Urheberrecht

Weitere Informationen finden Sie unter: / For more information see:

<https://www.uni-augsburg.de/de/organisation/bibliothek/publizieren-zitieren-archivieren/publizieren/>



EXPEDIENTE

Revista Universa - periódico trimestral destinado a veicular a produção das pesquisas, das reflexões técnico-científicas e da filosofia da comunidade acadêmica da Universidade Católica de Brasília, assim como a produção de conhecimentos de colaboradores de outras instituições afins.

Reitor
Guy Capdeville

Pró-Reitor de Graduação
Carlos Henrique Rocha

Pró-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa
Ivan Rocha Neto

Pró-Reitor de Extensão
José Romualdo Degasperí

Pró-Reitor de Administração
Eli Valter Gil Filho

Presidente do Conselho Consultivo da Editora Universa
Carlos Henrique Rocha

Editora
Sylvia Helena Cyntrão

Conselho Editorial
Tânia Maria Rossi, Mariza Vieira da Silva, Sylvia Helena Cyntrão,
Vera A. de L. Freitas


Coordenação Executiva e Editorial
Vera A. de L. Freitas

Organização
Tânia Maria de Freitas Rossi
Mariza Vieira da Silva

Revisão
Margarida Drummond de Assis, Sylvia Helena Cyntrão
Vera A. de L. Freitas (português), Noriza Penteadó (inglês),
Maria de Oliveira Moraes (espanhol)

Composição e Diagramação
Jeferson Sarmento

Capa
Laboratório de Produtos do Curso de Comunicação Social da UCB:
Professor Coordenador - Newton Scheufler
(estagiário) Edgard Guimarães
(monitora) Ana Tereza Correia Bezerra

Impressão
 Gráfica e Editora Ltda. (Fonefax: 386-2944)

Jornalista Responsável
Pedro Rogério C. Moreira - Reg. Profissional: 12252/53/58 - V/RJ

ISSN 0104-3951

Universidade Católica de Brasília

UNIVERSA

Universa, Brasília, v. 8, nº 2, junho de 2000

SUMÁRIO

Página

♦ EDITORIAL

♦ PERFIS

- | | | |
|-----|-----------------------------------|---|
| 323 | • São João Batista de La Salle | Roque Saibert |
| 327 | • 500 anos de sujeição e rebeldia | Ondina Pena Pereira
Gláucia Vieira Machado |

♦ ENSAIOS

- | | | |
|-----|--|--------------------------------|
| 333 | • Duas palavras para uma coisa: trajetos de não-coincidência | Jacqueline Authier-Revuz |
| 361 | • Alfabetização: sujeito e exclusão | Mariza Vieira da Silva |
| 369 | • Subjetividade do corpo: a obra de Hermann Schmitz | Jens Soentgen |
| 381 | • A morte Nike: consumir o sujeito | José Jorge de Carvalho |
| 397 | • Subjetividade moderna: os sentidos da vida, da saúde e da morte | Clara V. de Q. Pinheiro |
| 411 | • A subjetividade na <i>Filosofia do Direito</i> de Hegel | Miroslav Milovic |
| 429 | • O suicídio e a fantasia de castração: a propósito de <i>O homem na areia</i> . | Ana Luiza M. Pinto
Nogueira |
| 441 | • O estilo na perspectiva clínica: implicações para uma concepção particular de subjetividade. | Adriano Machado Facioli |

Exemplares desta publicação podem ser solicitados a:

Universidade Católica de Brasília
Editora Universa
QS. 07 - Lote 01
Bairro Águas Claras
72.030-170 - Taguatinga, DF
Fone: (61) 356-9157
Fax: (61) 356-1800
E-mail: universa@ucb.br
Home page: www.ucb.br

Tiragem: 700 exemplares

U58 UNIVERSA - Brasília: Editora Universa, v. 8, nº 2, jun., 2000

Trimestral
ISSN 0104-3951

1. Subjetividade - Psicologia - Periódico. I. Universidade Católica de Brasília.

CDU - 159.9

Ficha elaborada pelo Setor de Processamento Técnico do SIBI-UCB. Bibliotecária:
Ana Nery de Lima Caixeta - CRB 1/01322.

◆ RESENHA

- 451 • ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio-movimentos dos sentidos*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1996. Tânia Maria de Freitas Rossi

◆ RELATÓRIO DE PESQUISA

- 461 • Representação social da família Maria Alexina Ribeiro

◆ ÍNDICE REMISSIVO

- 483 • Índice remissivo de artigos publicados pela Revista Universa de junho/1993 a março/2000

EDITORIAL

*Dignidade não consiste em receber honrarias,
mas em merecê-las*

ARISTÓTELES

A Revista Universa, volume 8 nº 2, apresenta como abordagem central o tema **subjetividade**, tendo sido organizada pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UCB. Segundo o Novo Dicionário Aurélio, *subjetividade é a qualidade ou caráter de subjetivo* que, por sua vez, define-se como “relativo ao sujeito”; “individual, pessoal, particular”.

À parte neste momento as questões técnicas específicas da Ciência dos fenômenos psíquicos e do comportamento, que são objeto dos ensaios aqui divulgados por professores desta Universidade Católica e de outras instituições nacionais e internacionais, este editorial apresenta-se como uma breve reflexão acerca do novo sujeito que se configura no limiar do século XXI e do papel da Universidade Católica de Brasília na formação deste indivíduo.

A 1ª Semana Universitária de 2000 da UCB, que aconteceu de 15 a 20 de maio, deste, propôs como tema “Ética e dignidade humana”. Sob a orientação da Pró-Reitoria de Extensão, a comunidade acadêmica teve a seu dispor o espaço de conferências, palestras, filmes, exposições, oficinas e debates em sala de aula acerca dos valores que são o fundamento para a atuação de uma instituição de ensino cuja missão é entender e atender o **sujeito** em sua individualidade e em suas relações com o **outro**, tornando-o consciente de seu papel como agente transformador do mundo que o cerca.

Se a Universidade tem como claro que deve prover seu aluno com informações relevantes para torná-lo um profissional competente e útil a seus semelhantes, também sabe que, para promover esta **competência** em nível amplo, que para Perrenoud* consiste em “*uma capacidade de agir eficazmente em um determinado tipo de situação apoiada em conhecimentos, mas sem limitar-se a eles*”, deve, portanto, oportunizar o aprofundamento do pensamento crítico (sem o

*PERRENOUD, Philippe. *Construir as competências desde a escola*. Porto Alegre: Artmed, 1999. p.7.

qual o sujeito é somente um reproduzidor de idéias prontas), bem como a conscientização de que, como pessoas, somos responsáveis pelos que nos cercam, por seu bem-estar e por sua felicidade.

Reproduzo (e nunca será demais repeti-la) a "Missão" assumida pela UCB:

"A Universidade Católica de Brasília tem como missão atuar solidária e efetivamente para o desenvolvimento integral da pessoa humana e da sociedade, por meio da geração e comunhão do saber, comprometida com a qualidade e os valores éticos e cristãos, na busca da verdade."

Cabe, no entanto, lembrar que a missão de UCB só será cumprida se nós, sujeitos-educadores a assumirmos individualmente. É desse compromisso individual, em sintonia com a Missão institucional, que poderemos promover a verdadeira comunhão do saber e uma convivência ética que, tendo como base o respeito ao outro, certamente, resultará em transcendência para todos e para cada um de nós.

*A Editora***

** A Prof. Sylvia, Editora da Revista Universa, agradece ao Pe. José Romualdo Degasperi, Pró-Reitor de Extensão da UCB, as idéias que inspiraram este Editorial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GOODY, Jack. *A lógica da escrita e a organização da sociedade*. Tradução: Teresa Louro Pérez. Lisboa: Edições 70, 1987.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. Para quem é o discurso pedagógico. In: *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p.18-31.
- _____. O inteligível, o interpretável e o compreensível. In: *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da UNICAMP, 1988, p.101-118.
- _____. Discurso, imaginário social e conhecimento. *Em Aberto*. Brasília, ano 14, n. 61, p.53-59, jan./mar. 1994.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução Eni P. Orlandi [et al.]. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.
- _____. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise e HAK, Tony (orgs). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução: Bethânia S. C. Mariani [et al.]. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990, p.61-161.
- _____. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). *Gestos de leitura: da história no discurso*. Tradução: Bethânia S. C. Mariani [et al.]. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994, p.55-64.
- SILVA, Mariza Vieira da. *História da alfabetização no Brasil: a constituição de sentidos e do sujeito da escolarização*. Tese de Doutorado. Inédita. Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas: UNICAMP, 1998.

SUBJETIVIDADE DO CORPO: A OBRA DE HERMANN SCHMITZ

Jens Soentgen¹

RESUMO: É objetivo desse artigo dar uma impressão da teoria de corpo sensível schmitziana e a ligação dela com a filosofia da subjetividade. Não levei em consideração os estudos de Schmitz sobre o problema da subjetividade. Mas o ponto cardeal tornou claro e interessante: a transformação da expressão da subjetividade e a ligação dela com uma filosofia da corporalidade. A respeito do primeiro ponto, a fenomenologia de Schmitz antecipou certos desenvolvimentos da filosofia analítica moderna (Nagel, Castañeda). A respeito do segundo ponto, ela continua com tendências da fenomenologia clássica (Husserl, Merleau-Ponty), tornando-as precisas e colocando-as em um conjunto mais amplo. Mas, abstraindo dos progressos cognitivos que a obra de Schmitz pode assentar, a mensagem prática do autor não deve ser esquecida. A análise do corpo sensível não é só um fim em si. Ela serve para chamar a atenção para possibilidades da vida, que são enterradas em uma cultura, que sobrevaloriza a intelectualidade e está fixada em uma noção estreita da racionalidade. Schmitz ensina que a vida tem que ser ancorada na presença corporal. Ele critica a cultura européia, pela hostilidade dela contra o corpo e aconselha uma vida que se realize mais na corporalidade. A dança e o amor são paradigmas que Schmitz analisa para ilustrar o seu ensinamento.

Palavras-chaves: Subjetividade, corporalidade, fenomenologia.

ABSTRACT: This article gives a short insight into the work of the german philosopher Hermann Schmitz (*1927). The basic concepts of his work are explained with a special focus on his thoughts on subjectivity and his theory of the body (Leib). Schmitz has developed during more than forty years, a complex theory of the body which provides the basis for a highly innovative philosophy of subjectivity.

Keywords: Subjectivity, theory, body, phenomenology.

¹ Doutor pela Technische Universität Darmstadt, Alemanha. Professor visitante (Capes) na Universidade Federal de Goiás, Departamento de Filosofia. E-mail: soentgen@aol.com

Entre os filósofos contemporâneos, o fenomenólogo Hermann Schmitz (*1927) é talvez o mais original, provavelmente o mais produtivo, e seguramente o mais desconhecido. Sua obra é bastante polêmica. Para alguns autores mais jovens, ela representa um novo estado do desenvolvimento da fenomenologia.

Para outros, como por exemplo os representantes da fenomenologia clássica, como Heinrich Rombach ou Bernhard Waldenfels, seus trabalhos são qualificados como absurdo. Hermann Schmitz publicou, anualmente, desde 1964, um livro com aproximadamente 500 páginas, o que significa uma produção, até hoje, de mais de 20.000 páginas.

No exterior suas obras são mais reconhecidas e tratadas com mais aceitação. No Japão, por exemplo, o interesse por Schmitz é grande. Também nos EUA há filósofos que se ocupam de sua obra, especialmente a parte de seus trabalhos que trata sobre a teoria da subjetividade.

Não é fácil chegar a um juízo fundamentado e equilibrado sobre os trabalhos de Schmitz. Isso não significa que a sua obra seja obscura. Ao contrário, seria difícil achar pensadores fora da filosofia analítica que argumentassem tão precisa e compreensivelmente quanto ele. O problema hermenêutico é outro. Os trabalhos do fenomenólogo são cheios de polêmicas contra pensadores de mérito, especialmente contra Husserl. Ao mesmo tempo, encontram-se auto-afirmações bombásticas, que tornam a sua leitura muito difícil.

No meu entender, quando se analisar tudo cuidadosamente sobre o juízo dessa estranha obra de Schmitz, tudo sairá em seu favor. Seus trabalhos não são nascimentos mortos; os conceitos e idéias sistemáticas não são absurdas. Uma das provas evidentes tem que mostrar como resultado que ele, no geral, alcançou progressos frente a clássica tradição fenomenológica. O título de uma nova fenomenologia, que Schmitz proclama em sua obra, é, no meu entender, justificado porque, de fato, ele conseguiu encontrar novas perspectivas sobre problemas clássicos.

Aqui temos que enfatizar especialmente os seus trabalhos sobre o corpo, o espaço, a filosofia dos sentimentos, a subjetividade e a noção da situação. Há também assuntos novos que Schmitz introduz no discurso fenomenológico, como por exemplo o seu conceito sobre o caótico e os seus trabalhos sobre a noção de atmosfera. Entre os seus trabalhos históricos, que representam aproximadamente a metade de sua obra, Schmitz escreveu estudos sobre os pré-socráticos, a doutrina das idéias de Aristóteles. Seus trabalhos sobre os pensadores de idealismo alemão devem ser mencionados, mas não devem ser levados em consideração.

Em vez disso, quero apresentar alguns pensamentos fundamentais da filosofia schmitziana do corpo na sua ligação com a concepção do problema da subjetividade. Estes são apropriados, pelo fato de ocuparem uma posição central e apresentar uma impressão fundamental de sua obra.

O corpo (Der Leib)

Hermann Schmitz é mais conhecido como o filósofo do corpo. Com isso, ele trabalha em um terreno já tratado por Husserl, que posteriormente foi divulgado amplamente por Maurice Merleau-Ponty.

O que é o corpo? Não se trata do organismo compacto. Schmitz distingue entre Leib e Körper: - a língua portuguesa só tem a palavra corpo. Para distinguir, vou utilizar as expressões **corpo sensível** e **corpo visível**. Schmitz ocupa-se pouco com o corpo visível. Ele concentra-se mais no campo dos sentimentos corporais, como fome, sede, dor, náusea ou vontade. O corpo (Leib) no sentido de Schmitz, não é alguma coisa palpável, mas um grupo coerente de processos e sentimentos.

Não há um único momento sem que nós não sintamos algo corporal, por mínimo que seja aparentemente; como, por exemplo, uma leve pressão na garganta ou uma pontada no barriga. Frequentemente esses sentimentos são indefinidos, no sentido de que é difícil classificá-los. O que é certo é que são os meus sentimentos. Nós sentimos, através deles, que há uma certeza de que existimos, que estamos aqui. Uma certeza que não pode ser substituída por nenhum processo intelectual. Um sentimento corporal difuso sempre está presente. A teoria de subjetividade de Schmitz encontra o seu ponto de partida aqui. Vou me concentrar mais nisso.

Primeiramente, apresentamos algumas observações e noções principais sobre a análise Schmitziana de corpo.

As ilhas do corpo

Quando, por exemplo, nos movimentamos em um porão escuro, descobrimo-nos transportados na esfera do corporal. Também no cansaço temos a consciência do corpo, principalmente na doença. Basta simplesmente fechar os

olhos. O que sentimos então de nós mesmos? Primeiramente é difícil descrever, porque o que sentimos de nós mesmos é diferente do que podemos ver ou apalpar. Talvez seja que no primeiro momento não sentimos nada. Mas, depois de alguns instantes desse nada, surgem algumas zonas isoladas que desaparecem e se fundem. Não é uma esfera fechada. Schmitz escreve que em vez de um conjunto espacial contínuo nós encontramos uma sucessão inconstante de ilhas, por exemplo, as seguintes, de cima para baixo: garganta, região dos mamilos, estômago, com o sentimento característico da região de estômago, zona anal e genital, talvez algo na região das coxas, joelho, tornozelo, sola dos pés.

Este é o corpo sensível (Leib) no sentido de Schmitz. Não é um conjunto compacto como o corpo visível (Körper). Schmitz fala das ilhas de corpo, um neologismo importante e óbvio. A medicina denomina aquilo que se pode sentir, como sentimentos dos órgãos, mas isso já é uma interpretação. Mas nem sempre é o caso, que se sintam os órgãos, quando se sente algo mesmo assim. Quem fala dos sentimentos dos órgãos fixa-se em uma perspectiva determinada e bloqueia a vista para aquilo que se sente realmente. Por isso a noção neutra da ilha de corpo (Schmitz fala também dos sentimentos- Regungen - emoções) é tão importante.

O corpo sensível é uma realidade que, via da regra, é escondida, mas que é, ao mesmo tempo, facilmente acessível. Somos isso também: um fofo montão de zonas, então, aquele bloco compacto como gostamos de imaginar e estilizar nós mesmos.

É mérito de Schmitz, antes de mais nada, ter observado que aqui há um fenômeno particular. Antes dele, o corpo sensível era só uma cintilação à margem de uma atenção que era dirigida para o corpo visível. Nenhuma ilha de corpo, escreve Schmitz, jamais se apresenta como massa rígida e imóvel. Essas ilhas parecem mais com focos radiantes, que geralmente representam partes acentuadas ou pontos fortes e desse jeito são granuladas em si. Às vezes, elas têm um só ponto principal, mas nunca um perfil definitivo.

Também o corpo visível não é fechado ao meio ambiente, mas ele apresenta, pelo menos, um contorno mais definido. A imaginação habitual que temos de nós mesmos, a chamada consciência do corpo, tem fronteiras distintas e é isto que falta no caso do corpo sensível.

A experiência das ilhas de corpo pode se apresentar de formas diferentes. Mas não se trata de alucinações, até mesmo porque é possível decifrar uma certa anatomia dessas ilhas de corpo. Há duas ilhas que são, de acordo com as observações de Schmitz, geralmente percebidas, quais sejam a boca e a zona anal. Estas são o

corpo visível e o corpo sensível. Elas funcionam, em parte, autonomamente e em parte elas se deixam ser conduzidas. As estruturas da corporalidade podem ser estudadas e compreendidas a partir desses dois exemplos, pelo fato de elas poderem ser percebidas e vistas.

O alfabeto da corporalidade

Hermann Schmitz propõe nove expressões para descrever os fenômenos corporais, a saber: estreiteza, amplitão, direção, tensão, inchação, intensidade e ritmo, tendência protopática e tendência epicrítica. Essas expressões estão ligadas a: estreiteza é o oposto de amplitão, tensão é o oposto de inchação, e também as palavras estranhas tendência protopática e tendência epicrítica estão ligadas a pólos extremos. O que está se querendo dizer com essas expressões, encontra, em parte, uma explicação em si mesmo. Estreiteza e amplitão são bem conhecidas da experiência corporal. A estreiteza vem do medo, da angústia, do susto; a amplitão se sente no êxtase, na euforia, mas também, quando saímos de uma sala estreita para o ar livre. A expressão amplitão, que é relacionada com a expressão estreiteza, é uma das concepções mais fascinantes da filosofia de Schmitz.

Amplitão é simultaneamente uma expressão espacial e um sentimento corporal. Schmitz une, nessa expressão, dois pontos que geralmente são separados. A amplitão que se vê fora e a amplitão que pode ser sentida no próprio corpo, são idênticas, segundo Schmitz. Isso já mostra que o corpo sensível, segundo ele, não é uma cápsula fechada, mas um sistema aberto.

Estreiteza e amplitão são as expressões fundamentais da análise de Schmitz. Para ele, elas representam os fenômenos básicos da corporalidade. São dois impulsos, que se alternam ou estão em conflito entre si. De fato uma forte estreiteza (Engung) frequentemente é seguida por uma amplitão fluente.

Schmitz entende tensão e inchação, de uma certa maneira, como uma mistura de estreiteza e amplitão. Na tensão a estreiteza prepondera, na inchação, o que prepondera é a amplitão.

Que intensidade e ritmo são expressões originais para corporalidade, parece óbvio. Os processos corporais são inteiramente ritmados, a experiência da intensidade é sempre corporal. Cada um entende o significado dessas palavras pela própria experiência. Mas Schmitz não seria filósofo, se não combinasse essas expressões

com seus outros conceitos. Intensidade para ele é o conjunto simultâneo de tensão e inchação. Isso não é só um conceito abstrato. O pensamento pode ser entendido quando respiramos e prendemos esta respiração. Sente-se nesse momento, simultaneamente, tensão e inchação é um sentimento muito intenso.

Sobre ritmo, Schmitz não só quer entender cada pulsão, mas também o aumento e a diminuição de tensão e inchação. Ritmo, no sentido de Schmitz, não é só o ritmo de coração ou de respiração, mas a pulsão de tensão e inchação na dor e na vontade. Schmitz utiliza uma expressão excêntrica de ritmo, mas volta-se também durante sua obra, de vez em quando, para aquela que utilizamos geralmente. A direção significa aquela que leva da estreiteza para a amplidão. Há vários sentimentos corporais que incluem algo de direção; é freqüentemente possível senti-la, mas nem sempre é possível vê-la. Se fecho os olhos e expiro, o cheiro segue uma direção, se afasta de mim e desaparece na amplidão que me envolve. Direções sensíveis podem ser encontradas também em olhares, mesmo quando eles não têm uma direção específica (ansehen). Segundo Schmitz, olhares não têm que levar de um lado aqui para um outro ali, eles podem ir também de um lado aqui para nenhum ou, como ele diz, da estreiteza para a amplidão.

As próximas duas expressões que gostaria de apresentar são um pouco diferentes daquelas que introduzi anteriormente. Enquanto as cinco palavras até agora explicadas provêm da linguagem corrente, tendência epicrítica e tendência protopática são criações do jardim das palavras da ciência. Protopática é, segundo Schmitz, uma tendência confusa, que impede o encontro de pontos exatos, epicrítica é uma tendência que procura agudeza, que aponta. Ambas expressões exercem um papel importante na descrição das dores. Uma dor é sempre uma estreiteza mas há dores difusas, abafadas e dores que são mais pontuais. Algumas dores picam, outras, as protopáticas, remexem mais profundamente. A distinção tendência protopática/epicrítica é análoga àquela contraposição de estreiteza e amplidão, mas não é totalmente idêntica a ela.

Já neste ponto, podemos fazer uma observação importante. A única expressão estática que Schmitz utiliza para a sua análise da corporalidade é a da ilha de corpo. Mas nem essas ilhas de corpo são simples e bem ordenadas. Elas vibram, aparecem e desaparecem. E isto mostra que: O corpo sensível é um campo pulsante das forças. Enquanto o homem vive, o seu corpo é uma formação inquieta. Tranquilo e firme como uma estátua, ele só vira depois da morte.

Sobre o significado teórico da análise de Schmitz

Isso é, resumidamente, o inventário elementar da descrição que Schmitz usa. Ele analisa no seu livro sobre o corpo não menos do que trinta sentimentos corporais. Ele consegue, sempre, mostrar fenômenos bem conhecidos num novo contexto. Mas aqui só vemos uma parte do programa teórico de Schmitz; só a parte que pode ser empregada no campo da psicologia ou da antropologia. A parte filosófica mais interessante da teoria de Schmitz é constituída do seguinte. Schmitz tenta mostrar que o corpo sensível do homem não é só qualquer parte da estrutura antropológica de homem, mas a parte central. Ele mostra isso em dois caminhos.

Teoria de espaço

Em um caminho, Schmitz pode ser visto como um Husserl aprofundado. Como Husserl, ele segue um programa de fundamentação ambicioso. Ele tenta fundamentar todas as noções centrais cognitivas não como Husserl fez, no ego transcendental, mas no corpo sensível. De fato, podemos perceber que na obra de Schmitz o corpo ocupa a mesma posição teórica que o ego transcendental na filosofia de Husserl. O assunto central de Schmitz poderia ser chamado de o corpo transcendental.

Diferentemente de Husserl, que era atraído pelos questionamentos da teoria do juízo e da lógica, Schmitz interessa-se mais pela teoria do espaço. Ele tenta, em pesquisas muito amplas, mostrar que as noções centrais da teoria de espaço não podem ser compreendidas sem levar em consideração o corpo sensível. Nesse sentido este programa o leva posterior e paralelamente também às perguntas sobre o tempo, a coisa e o outro.

A conclusão sobre as análises schmitzianas é sempre a de que o sentido da nossa fala sobre espaço, o tempo, a coisa e o outro só é compreendido se ficarmos no plano de corpo. Isto parece familiar, só que Schmitz fala do corpo sensível enquanto os outros falam da consciência transcendental ou do cógito pré-reflexivo. Aqui não podemos explicitar detalhadamente o programa de Schmitz. Só quero destacar que os esforços de Schmitz sobre teoria de espaço e de tempo são de uma precisão e de uma erudição admiráveis. Não é sem justificativa que a filosofia de Schmitz chamou a atenção dos construtivistas.

Porém, essa parte de seu pensamento não me parece ser a mais interessante e a mais fecunda. Mais interessante é o uso que ele faz do seu conceito na sua teoria da subjetividade.

Subjetividade como sensibilidade corporal

Schmitz coloca o ser corporal no centro de sua análise sobre a subjetividade. A filosofia da subjetividade é um discurso bem elaborado na filosofia moderna. Conseqüentemente, as contribuições de Schmitz são usadas para estudos históricos detalhados, especialmente sobre os pensadores do idealismo alemão, mas também sobre Nietzsche, Wittgenstein, Husserl e Heidegger. Não vou me aprofundar nisso agora. A seguir, destacarei as idéias principais de Schmitz sobre subjetividade.

Na língua corrente, a palavra subjetiva tem uma conotação pejorativa: — *Ah! isto é muito subjetivo*. Assim se diz, quando se quer relativizar uma impressão ou uma intuição. Ela só é válida para aquela pessoa, não para todas.

Subjetividade é compreendida como questão da perspectiva, ela depende do ponto de vista, talvez também do sexo da pessoa e tem a propriedade irritante, que ela não pode ser deixada de fora. A noção contrária significa que algo é válido independentemente de todos os pontos de vista. Objetivas são as leis da lógica, subjetiva é uma opinião de alguém que acha a lógica muito cansativa. Schmitz abre um novo caminho para essa discussão, propondo duas teses:

- 1) subjetividade não é pouca inteligência, mas ser tocado afetivamente;
- 2) objetividade não é um melhoramento das intuições subjetivas, mas uma privação delas. Falta nos fatos objetivos a nuance que eles têm a ver comigo.

Com outras palavras: subjetividade é interpretada, por Schmitz, de um jeito novo. Ela não faz somente uma apreciação dos fatos objetivos. Para Schmitz, ela é a minha adesão (*Meinhaftigkeit*) a certas situações, o fato de que eu me interesso por uma coisa; que sou atingido por alguma coisa.

Que a explicação usual, que interpreta subjetividade como perspectiva, não basta, pode ser mostrado com um exemplo simples. Um advogado numa negociação pode assumir exatamente a perspectiva de seu cliente. Mas, através disso, a coisa

não vira a coisa dele, não deve virar a coisa dele, a não ser que seja um mal advogado.

Um bom jornalista pode, sem problemas, escrever uma notícia da perspectiva de outras pessoas atingidas, sem realmente se sensibilizar com ou outro. A perspectiva da pessoa atingida (*des Betroffenen*) é diferente da própria consternação (*Betroffenheit*) do jornalista.

Uma coisa não se torna subjetiva através de uma certa perspectiva.

Perspectivas podem ser construídas, subjetividade não. Eu sou envolvido, muitas vezes, involuntariamente em fatos subjetivos e eles constituem a minha situação concreta.

Até certo ponto, é possível distanciar-se dos fatos subjetivos. Desta forma, ganha-se um certo espaço na situação em que se vive. Mas a objetivação tem um efeito ambivalente. Para ilustrar isso, Schmitz cita de vez em quando uma passagem da filosofia do direito de Hegel que diz que cada pessoa poderá primeiramente encontrar-se, se ele principalmente puder abstrair de tudo, seja o que for, por qualquer conteúdo, através de si, em si ...

Schmitz comenta essa citação de Hegel da seguinte maneira: essa flexibilidade da capacidade de abstrair, emancipar-se e posicionar-se, transforma-se em uma fonte de tédio e frustração ..., porque um homem, que é capaz de posicionar-se acima de tudo, não é mais capaz de ficar absorvido por alguma coisa, não pode assistir com toda a alma, com a exaltação de ficar por cima, vai sentir a penalidade de ficar ao lado de seu papel e ao lado daquela coisa, que é a sua coisa ...

A subjetividade é uma nuance que se acrescenta aos fatos objetivos, se ficar claro que eles têm a ver comigo. Esse crescimento pretendido pode ser esclarecido através de uma velha técnica da retórica, ou seja a fala em parábolas.

Conta-se uma história para uma pessoa, uma história que aconteceu fora, em um meio ambiente de pessoas desconhecidas. O ouvinte começa a ficar impaciente, pois ele não entende porque lhe contam uma história tão indiferente. Até que se torna claro, a partir de um pequeno detalhe, que o personagem de que se trata é ele. Nesse momento, para o ouvinte, a situação torna-se clara e ele percebe: sou eu a coisa que está em discussão.

A mesma situação também é freqüente nos filmes criminais clássicos. Quando chegá a hora de esclarecimentos, o comissário reúne os suspeitos. Com ingenuidade fingida ele conta as suas tentativas de resolver o caso, quais hipóteses erradas ele tinha assumido, até ele chegar às suas conclusões.

Nesse momento, o assassino sabe: fui descoberto.

Trata-se, neste momento, desse conhecimento-relâmpago: sou eu a coisa que está no jogo. Não é possível enxergar isso passo a passo; ou se percebe de uma vez só ou nunca.

Subjetividade não é uma adição contínua dos fatos objetivos, nem uma ordenação complexa destes. Ela se realiza por um salto, de repente e chocante. Ela não pode ser entendida via noções com posição, como ponto de vista (Standpunkt, point de vue) ou perspectiva.

Não é possível assumir a subjetividade de alguém. A dor de um outro não pode tornar a minha dor. A falha de alguém não pode virar a minha falha, a vergonha de alguém não pode virar a minha vergonha, ainda quando eu me simpatize com ela. É possível transplantar órgãos, assumir os bens de alguém. Mas a sensibilidade não pode ser transferida. A subjetividade é indivisível. Por isso cada um por si é insubstituível como contador da sua história.

Fatos objetivos podem ser enumerados uns da mesma maneira que outros. Mas a própria história faz uma diferença, se sou eu que conto, ou qualquer outro. Caso seja eu, que conto, então é uma confissão.

Essas observações estão ligadas a vários velhos discursos como, por exemplo, o tópico da solidão inevitável dos amantes. Tanto que quando dois se amam eles ficam isolados, porque não podem partilhar a sensibilidade deles (Betroffensein). Aqui seria também conveniente mencionar a intransferibilidade da experiência da vida. A moral que surge dessa experiência não pode ser enumerada em teses isoladas. Ela se espelha em uma postura diferente da mesma pessoa ou de ninguém. Não são transferíveis essas experiências. A tentativa de objetivar experiências da vida e oferecer para outros é um momento repetitivo nos conflitos das gerações. Ao fim e ao cabo, cada um tem que fazer mesmo as próprias experiências decisivas.

O conhecimento que surge a partir dessas experiências dá uma segurança e um apoio que não podem ser alcançados de uma maneira diferente.

Só aquilo que me atinge tem o caráter da realidade. Segundo Schmitz, são exatamente esses fatos subjetivos, e não os objetivos, que manifestam a realidade. O estar envolvido é mais do que a presença de um observador em uma experiência. A valorização usual vira-se de pé para cabeça: fatos subjetivos revelam mais a realidade do que fatos objetivos.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- SCHMITZ, Hermann. *System der Philosophie*, Bd. I: Die Gegenwart. Bonn, 1964.
- SCHMITZ, Hermann. *System der Philosophie*, Bd. II, 1. Teil: Der Leib. Bonn, 1965.
- SCHMITZ, Hermann. *System der Philosophie*, Bd. II, 2. Teil: Der Leib im Spiegel der Kunst. Bonn, 1966.
- SCHMITZ, Hermann. *System der Philosophie*, Bd. III: Der Raum, 1. Teil: Der leibliche Raum. Bonn, 1967.
- SCHMITZ, Hermann. *System der Philosophie*, Bd. III, 2: Der Gefühlsraum. Bonn, 1969.
- SCHMITZ, Hermann. *System der Philosophie*, Bd. III, 3: Der Rechtsraum. Praktische Philosophie. Bonn, 1973.
- SCHMITZ, Hermann. *System der Philosophie*, Bd. III, 4: Das Göttliche und der Raum. Bonn, 1977.
- SCHMITZ, Hermann. *System der Philosophie*, Bd. III, 5. Teil: Die Wahrnehmung. Bonn, 1978.
- SCHMITZ, Hermann a: *System der Philosophie*, Bd. IV: Die Person. Bonn, 1980.
- SCHMITZ, Hermann b: *System der Philosophie* Bd. V: Die Aufhebung der Gegenwart. Bonn, 1980.
- SCHMITZ, Hermann c: *Neue Phänomenologie*. Bonn, 1980.
- SCHMITZ, Hermann. *Der unerschöpfliche Gegenstand. Grundzüge der Philosophie*. Bonn, 1990.
- SCHMITZ, Hermann. *Leib und Gefühl*. Paderborn, 1992.
- SCHMITZ, Hermann. *Neue Grundlagen der Erkenntnistheorie*. Bonn, 1994.

- SCHMITZ, Hermann b: *Husserl und Heidegger*. Bonn, 1996.
- SCHMITZ, Hermann. *Der Spielraum der Gegenwart*. Bonn, Bouvier, 1999.
- BÖHME, Gernot. *Atmosphäre*. Frankfurt a.M., 1995. (Besonders Teil I)
- BÖHME, Gernot. Die Phänomenologie von Hermann Schmitz als Phänomenologie der Natur? In: Gernot Böhme / Gregor Schiemann: *Phänomenologie der Natur*. Frankfurt a.M., S. 133-148, 1997.
- BREUER, Ingeborg / LEUSCH, Peter / MERSCH, Dieter: *Welten im Kopf. Profile der Gegenwartsphilosophie*. (Leiblicher Logos. Hermann Schmitz' Philosophie der Betroffenheit. S. 195-208.) Hamburg.
- GAMM, Gerhard. *Flucht aus der Kategorie*. Frankfurt, 1994.
- GROßHEIM, Michael / WASCHKIES Hans-Jürgen. *Rehabilitierung des Subjektiven. Festschrift für Hermann Schmitz*. Bonn, 1995.
- GROßHEIM, Michael. Perspektive oder Milieu von Sachverhalten? Zur Theorie der Subjektivität. In: *Großheim 1994* (Hg.), S. 31-49, 1994.
- HASTEDT, Heiner. Rezension von: H.S.: Leib und Gefühl; im Rahmen einer Sammelrezension: Neuerscheinungen zum Leib-Seele-Problem. In: *Philosophische Rundschau* 42, S. 254-263 (257f.), 1995.
- HAUSKELLER, Michael. *Atmosphären erleben. Philosophische Untersuchungen zur Sinneswahrnehmung*. Berlin, 1995.
- RENTSCH, Thomas. Rezension von: H.S.: Der unerschöpfliche Gegenstand. In: *Philosophische Rundschau* 40, S. 120-128, 1993.
- SOENTGEN, Jens. *Die verdeckte Wirklichkeit. Einführung in die Neue Phänomenologie von Hermann Schmitz*. Bonn, 1998.
- THOMAS, Philipp. *Selbst-Natur-sein: Leibphänomenologie als Naturphilosophie*. Berlin, 1996.

A MORTE NIKE: CONSUMIR O SUJEITO*

José Jorge de Carvalho¹

RESUMO: *O ensaio propõe uma leitura do processo de subjetivação gerado pela estrutura capitalista de consumo e passa em revista algumas das principais teorias (sociológicas, antropológicas, teológicas, históricas) vigentes sobre o consumo. Ilustro esse esquema de servidão ao mundo das marcas com o que chamo de "Morte Nike": assassinar o outro para roubar-lhe o tênis de marca Nike. Postulo também a construção, pela publicidade, de um super-ser que se apresenta como medida e objeto de desejo do sujeito consumista.*

Palavras-chave: *consumo, morte Nike, fetichismo da mercadoria.*

ABSTRACT: *The essay proposes a reading on the process of subjectivation generated by the capitalist structure of consumption. It also offers a review of some of the main current theories (sociological, anthropological, theological, historical) on the mechanism of consumption. This mechanism of servitude to the world of logotypes is illustrated by that which the author calls "the Nike Death": to murder someone in order to steal his nike sneakers. It also discusses the construction of a Super-being by the advertising world, who presents himself as the gauge and the real object of desire for the consumer.*

Keywords: *consumption, Nike death, fetichismo of commodities.*

* Essas reflexões foram retiradas da conferência que proferi na Semana de Filosofia da Universidade Católica em 1998. Agradeço a Ondina Pereira pela generosidade do convite. Sou grato também a Ricardo Rocha pelas sugestões sobre o tema.

¹ Ph.D. em Antropologia pela Universidade de Queen's de Belfast. Professor de Antropologia na Universidade de Brasília. Livros publicados: *Shango Cult in Recife, Brazil* (com Rita Segato), 1992; *Cantos sagrados do Xangô do Recife*, 1993; *Mutus Liber. O Livro Mudo da Alquimia*, 1995; *O Quilombo do rio das rãs* (com Siglia Doria e Adolfo N. de Oliveira), 1996; *Rumi- Poemas místicos*. Tradução, 1966.